

EDICIÓN:

Rodrigo de Balbín Behrmann

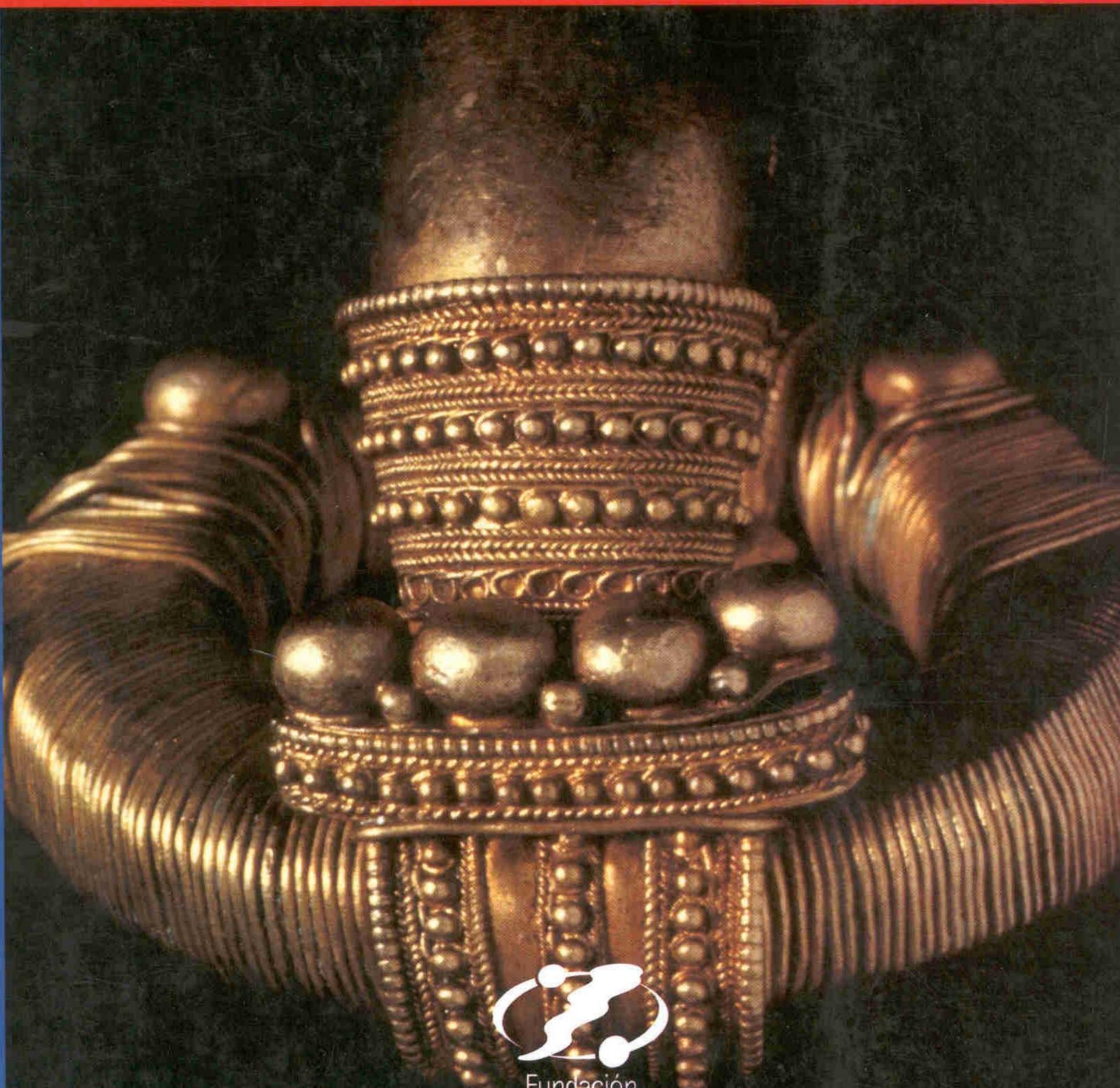
Primitiva Bueno Ramírez

REVISIÓN DE TEXTOS:

José I. Herrán Martínez

II Congreso de Arqueología Peninsular

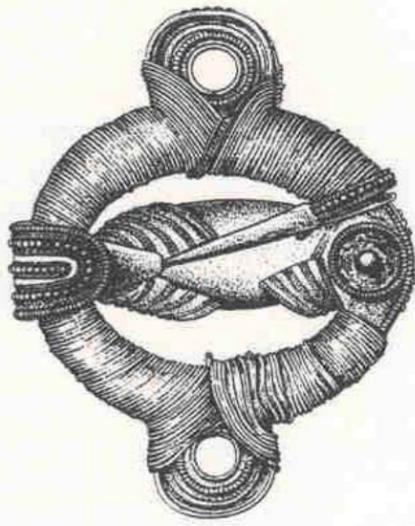
Tomo II - Neolítico, Calcolítico y Bronce



Fundación

Rei Afonso Henriques

Publicación del Museo Arqueológico



II CONGRESO DE ARQUEOLOGÍA PENINSULAR



NEOLÍTICO, CALCOLÍTICO Y BRONCE

TOMO II

Zamora, del 24 al 27 de Septiembre de 1996

R. DE BALBÍN BERHMANN, P. BUENO RAMÍREZ EDS.



Fundación
Rei Afonso Henriques

1997

Os menires de Pavia, Mora (Portugal)

LEONOR ROCHA*

Resumo: Neste trabalho apresenta-se o conjunto de menires de Pavia que pelo seu contexto geográfico e arqueológico aparenta ser mais tardio do que os de Évora-Montemor. Refere-se ainda um alinhamento megalítico, recentemente descoberto e escavado, único do género conhecido na P. Ibérica.

Analisa-se a sua relação com o povoamento e o megalitismo funerário.

Palavras-chave: Megalitismo não funerário; megalitismo funerário; Neolítico Antigo/Médio; povoamento; Alentejo Central; Pavia.

1. INTRODUÇÃO

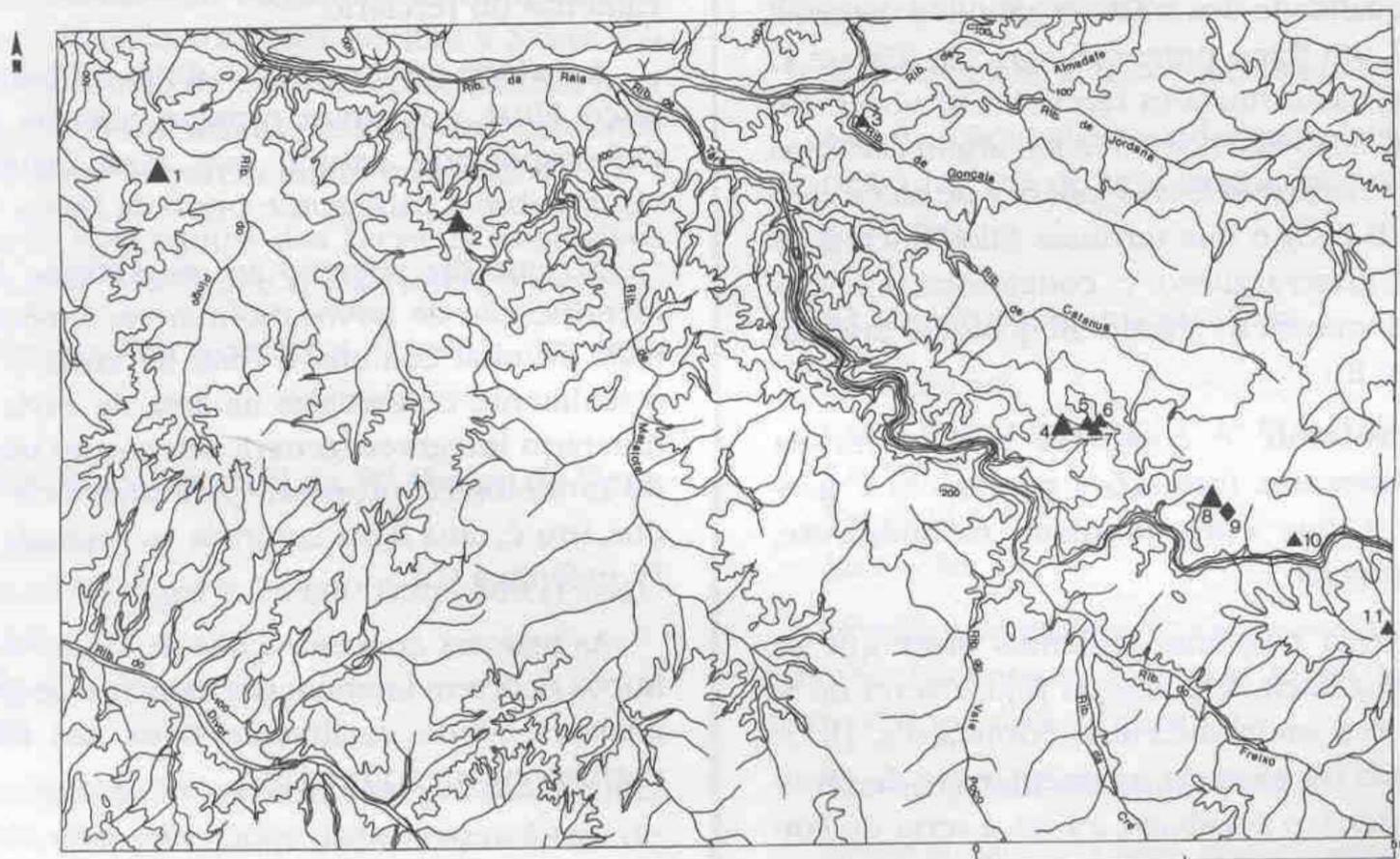
A base de dados, utilizada neste trabalho, foi reunida no âmbito de um projecto de investigação que a signatária tem vindo a desenvolver na área de Pavia desde 1994, em que se pretende fazer uma revisão sis-

temática da informação publicada pelos investigadores que anteriormente desenvolveram trabalhos nesta área e, muito particularmente, da clássica monografia de Vergílio Correia (Correia, 1921).

Para além de revisão e actualização dos dados disponíveis relativos ao megalitismo e ao povoamento "megalítico", realizaram-se ainda alguns trabalhos de prospecção selectiva, que vieram ampliar, em termos quantitativos e qualitativos, o acervo de sítios e monumentos conhecidos e introduzir novas questões no debate sobre o megalitismo regional. Neste trabalho, trataremos em particular o conjunto dos monumentos não funerários: menires isolados, alinhamentos e recintos megalíticos.

2. AMBIENTE GEOGRÁFICO

Em termos geográficos, a área de Pavia situa-se na extremidade Norte do distrito de Évora, perto do limi-



Hipsometria de área de Pavia.

Fig. 1: Localização dos menires. 1. Recinto megalítico das Fontainbas; 2. Recinto megalítico da Stª Madre de Deus; 3. Menir da Gonçala; 4. Recinto megalítico do Monte das Figueiras; 5. Menir da Têra 2; 6. Menir da Têra 3; 7. Menir da Têra 4; 8. Recinto megalítico da Têra; 9. Alinhamento da Têra; 10. Menir 1 da Têra; 11. Menir da Caetra.

* Bolseira JNICT/PRAXIS XXI; Investigadora da Uniarq-Centro de Arqueologia da FLUL.

te com os distritos de Santarém e Portalegre, na transição, segundo a carta das Regiões Naturais do Atlas do Ambiente, entre a região do Ribatejo e a do Alentejo, sub-região da Charneca de Ribatejo-Sul.

Geologicamente, abrange essencialmente duas formações: as extremidades da bacia terciária do Tejo e o substrato antigo, na maior parte granitos. Estes estão representados junto de Pavia prolongando-se para NW e SE. Aparece ainda uma mancha mais ou menos localizada a SW. Nas restantes áreas ocorrem as areias, argilas e cascalheiras excepto no canto NE onde se destacam os micaxistos e quartzitos.

Em termos hidrográficos, a área de Pavia pertence à bacia hidrográfica do rio Sorraia, subsidiária da margem esquerda do Tejo. Drenada pelas ribeiras do Almadafe, de Tera e do Divor, esta área apresenta uma rede hidrográfica geralmente encaixada, entalhando a cobertura sedimentar e pondo por vezes o soco a descoberto.

Em relação à topografia, podemos considerar que à cobertura terciária estão associadas formas de relevo suaves, representadas a W e a S de Pavia, enquanto que, ao substrato antigo, embora peneplanizado, correspondem relevos mais irregulares, marcados pela presença de grandes afloramentos graníticos. Os declives mais acentuados apresentam-se junto à ribeiras do Almadafe, do Divor e da Têra - os valores mais elevados situam-se junto a esta.

Quanto à qualidade dos solos, os granitos determinam, em geral, um fraco potencial agrícola (Classe D e E), enquanto nas formações terciárias se observam duas situações distintas: nos terrenos argilo-calcários do Oligocénico, ocorrem boas manchas de solos agrícolas (classes B e C) e nos terrenos Mio-Pliocénicos do complexo greso-argiloso e conglomerático dos planaltos, predominam os solos sem qualquer aptidão agrícola (classe E).

A área envolvente é complexa e diversificada abrangendo diferentes formações geológicas e geomorfológicas, a que correspondem, naturalmente, diferentes paisagens.

De uma forma resumida podemos dizer que se encontra entre a bacia terciária do Tejo, a serra de S. Mamede, que é a «montanha-ilha» (Gonçalves, 1971: 13) mais elevada do Alentejo, a peneplanície de Elvas-Monforte-Fronteira, o Guadiana, a Este, a serra de Portel, a serra d'Ossa. Em termos orográficos, a serra d'Ossa, a serra do Mendro e a serra de S. Mamede constituem as mais importantes elevações não só desta região como de todo o Alentejo. São importantes pontos de controle da paisagem, dominando visualmente áreas relativamente extensas.

3. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Identificámos recentemente, nesta área, uma densa mancha de vestígios de habitat pré-históricos, aparentemente integráveis entre o Neolítico Médio e o Calcolítico Médio. Cronologicamente, os materiais arqueológicos recolhidos apontam para uma ocupação muito intensa de quase toda a área, algures pela segunda metade do 4º Milénio a.C., época em que os percutores e as mós começaram a estar particularmente bem representadas e em que ocorrem, com relativa abundância as cerâmicas carenadas; esta fase parece apresentar continuidade apenas no povoado do Neolítico Final/Calcolítico do Monte do Henrique Soeiro, um pequeno povoado aberto e, posteriormente, no povoado calcolítico do Castelo de Pavia, este já com elevada defensabilidade.

Os vestígios mais antigos, atribuíveis ao Neolítico Médio, restringem-se a áreas bem demarcadas, onde pontuam os grandes afloramentos graníticos, com formas frequentemente caprichosas em que se formaram excelentes abrigos naturais; nestes, destaca-se a relativa abundância de sílex e a presença de cerâmicas almagradas, quase todas lisas.

Os diversos contextos geológicos, e a concomitante diversidade paisagística, condicionaram claramente a distribuição do megalitismo e do povoamento megalítico de Pavia; houve, de facto, uma preferência inequívoca pelas áreas de granitos e gnaisses, sendo escassa a ocupação nos terrenos arenosos e nas cascalheiras do Terciário.

A maioria dos locais de habitat, atribuíveis ao Neolítico Final, ocuparam espaços abertos, em grande defensabilidade natural mas com algum domínio visual sobre a paisagem e perto de linhas de água.

No que diz respeito ao megalitismo funerário, a identificação de novos monumentos inéditos eleva a mais de uma centena o total de antas e sepulturas, actualmente conhecidas na área de Pavia. O espólio funerário integra-se, genericamente, no mesmo período cronológico proposto para a maioria dos povoados, isto é, uma faixa centrada na segunda metade do IV milénio a.C.

As maiores concentrações de monumentos megalíticos ocorrem também nas manchas de granitos e gnaisses, sendo igualmente raros nos terrenos que correspondem ao Terciário.

4. OS MENIRES DE PAVIA

Em relação ao megalitismo não funerário, conheciam-se já dois recintos megalíticos - Monte das Figueiras e Fontainhas Velhas - e o menir do Monte da Têra, identificados nos anos 70 pela equipa dos Serviços

Geológicos (Zbyszewski *et al.*, 1977). Nos últimos três anos identificámos mais dois recintos megalíticos (num deles terá que ser feita uma sondagem de confirmação), um alinhamento e quatro menires (?) isolados.

1) Recinto megalítico das Fontainhas

Localização:

Carta Militar Portugal 1: 25 000 Folha 409 (Pavia)

X= 576.3.0

Y= 4309.7.0

Alt.: 142m

O monumento é constituído por seis menires oblongos, de secção sub-rectangular, mais ou menos *in situ*. Encontra-se implantado numa lomba com vertentes pouco declivosas e bom domínio visual. Não se identificaram quaisquer gravuras ou «cavinhas».

Medidas visíveis:

Menir 1: 1,55m comp. x 0,60 largura. Tombado.

Menir 2: 2,54m comp. x 1m largura / 0,48m comp. x 1m largura. Tombado e partido.

Menir 3: 1,90m comp. x 0,80m largura.

Menir 4: 1,40m comp. x 0,95m largura.

Menir 5: 1,10m comp. x 0,76m largura. Semi-tombado.

Menir 6: 1,18m comp. x 0,67m largura.

Matéria-prima: granito.

Durante as prospecções de superfície efectuadas em torno do monumento megalítico identificaram-se mais dois monólitos, um a cerca de 20m a Norte e o segundo do outro lado da estrada, a cerca de 5m para W. Não foi possível calcular as medidas exactas destes menires por se encontrarem muito enterrados.

Identificado pela equipa dos Serviços Geológicos (Zbyszewski *et al.*, 1977), que apenas refere 5 menires.

Recolheram-se três artefactos de sílex nas imediações.

2) Recinto megalítico (?) da St^a Madre de Deus

Localização:

Carta Militar Portugal 1: 25 000 Folha 409 (Pavia)

X= 579.9.0

Y= 4309.1.0

Alt.: 170m

Monumento megalítico constituído por sete pequenos monólitos, semi-enterrados, dispostos em forma de ferradura. Encontra-se implantado numa vertente.

Matéria-prima: granitos.

A classificação deste recinto é ainda avançada com algumas reservas pelo que terá que ser confirmada através de sondagens ou escavações.

3) Menir da Gonçala

Localização:

Carta Militar Portugal 1: 25 000 Folha 409 (Pavia)

X= 584.9.5

Y= 4310.4.5

Alt.: 109m

Menir de secção sub-rectangular. Encontra-se tombado numa vertente suave, com excelente domínio visual sobre as necrópoles da Gonçala e da Ordem.

Matéria-prima: granito.

Medidas visíveis: 2,56m comprimento x 0,90m largura.

4) Recinto megalítico do Monte das Figueiras

Localização:

Carta Militar Portugal 1: 25 000 Folha 409 (Pavia)

X= 587.2.0

Y= 4306.5.5

Alt.: 171m

Este monumento encontrava-se implantado numa área plana, de areias, perto de uma das áreas de maior concentração de vestígios arqueológicos pré-históricos (de habitat, antas e menires). Foi destruído nos anos 80 por um trabalhador da herdade. Era constituído por 12 pequenos monólitos, dispostos em forma de ferradura (Zbyszewski *et al.*, 1977). Actualmente os menires encontram-se amontoados nas imediações do local original.

Matéria-prima: granitos gnáissicos.

Nas proximidades recolheram-se alguns artefactos de pedra lascada de tipo languedocense, sobre seixo de quartzito.

5) Menir do Monte da Têra 2

Localização:

Carta Militar Portugal 1: 25 000 Folha 409 (Pavia)

X= 587.7.0

Y= 4306.5.5

Alt.: 175m

Monólito de granito de forma ovoide e secção sub-circular. Encontra-se tombado numa vertente suave perto dos menires da Têra 3 e 4.

Matéria-prima: granito gnáissico.

Medidas visíveis: 1,08m comprimento x 0,43m largura.

6) Menir do Monte da Têra 3

Localização:

Carta Militar Portugal 1: 25 000 Folha 409 (Pavia)

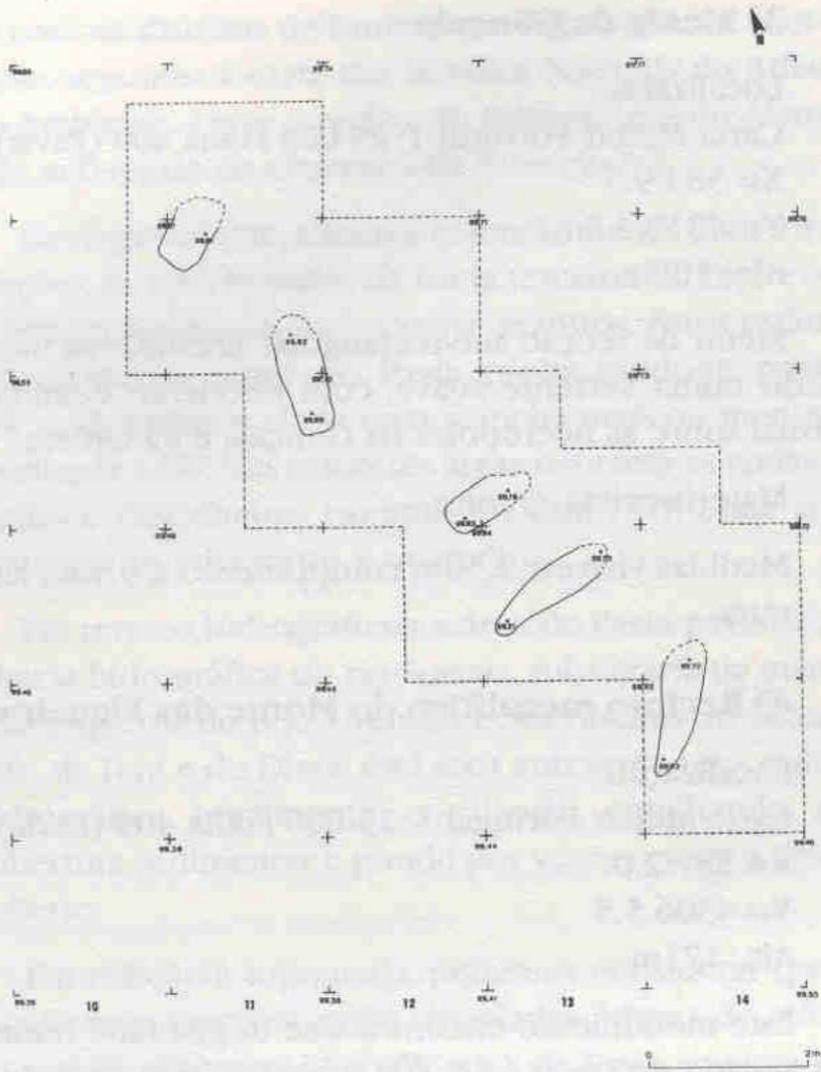


Fig. 2: Planta geral do Alinhamento da Têra, com indicação da área a interencionar.

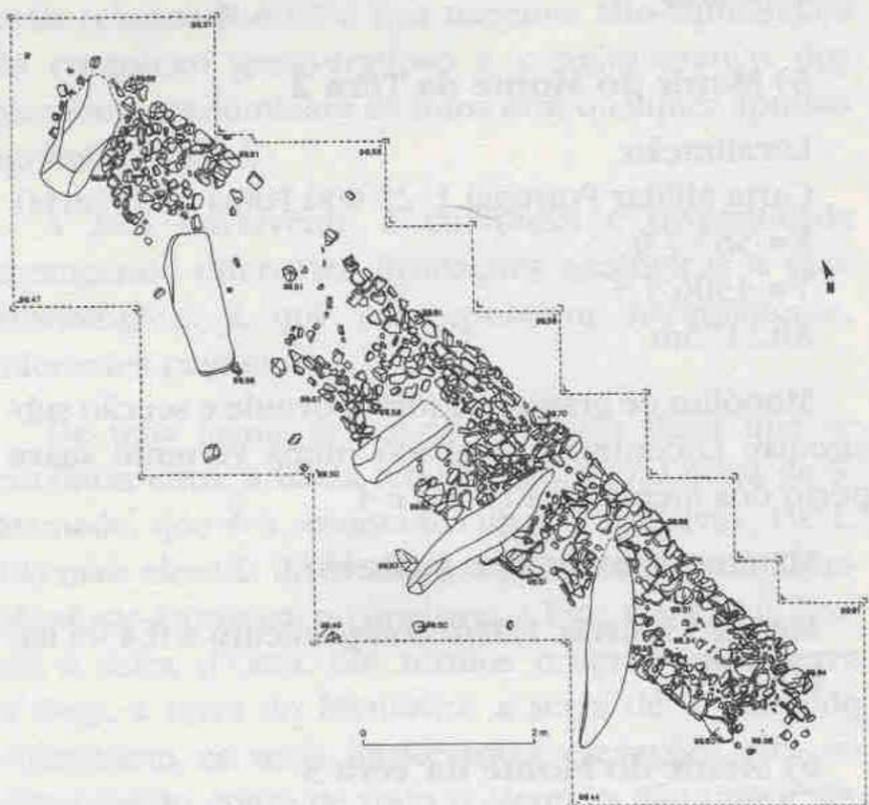


Fig. 3: Alinhamento da Têra. Planta da U.E. 12.

X= 587.7.0

Y= 4306.6.0

Alt.: 176m

Menir de secção sub-rectangular, aparentemente *in situ*, implantado numa vertente suave.

Matéria-prima: granito gnáissico.

Medidas visíveis: 0,86m comprimento x 0,58m largura.

7) Menir do Monte da Têra 4

Localização:

Carta Militar Portugal 1: 25 000 Folha 409 (Pavia)

X= 587.6.0

Y= 4306.6.0

Alt.: 170m

Menir de forma ovóide e secção sub-circular. Encontra-se tombado numa vertente.

Matéria-prima: granito gnáissico.

Medidas visíveis: 1,56m comprimento x 0,75m largura.

8) Recinto(?) megalítico do Monte da Têra

Localização:

Carta Militar Portugal 1: 25 000 Folha 409 (Pavia)

X= 589.0.5

Y= 4305.7.5

Alt.: 163m

Monumento destruído já nos finais do séc XIX pela construção da estrada de terra batida que conduz ao Monte da Têra, encontrando-se actualmente os menires dispersos dos dois lados dessa estrada. Esta situação dificulta a identificação do monumento como um recinto megalítico ou como um alinhamento. De facto, o Alinhamento do Monte da Têra encontra-se a cerca de 50m deste conjunto de menires, com os quais se encontra alinhado.

Existem 7 menires inteiros e alguns fragmentos que parecem pertencer a mais dois.

Medidas visíveis:

Menir 1: 1,68m comprimento x 0,60 largura. Secção ovoide.

Menir 2: 1,47m comprimento x 0,48m largura. Secção sub-rectangular.

Menir 3: 1,66m comprimento x 0,51m largura. Secção sub-rectangular.

Menir 4: 1,42m comprimento x 0,52m largura. Secção sub-rectangular.

Menir 5: 0,80m comprimento x 0,43m largura. Secção sub-rectangular, fragmento.

Menir 6: 2,08m comprimento x 0,60m largura. Secção sub-rectangular.

Menir 7: 1,60m comprimento x 0,42m largura. Secção ovoide, forma fállica.

Menir 8: 1,75m comprimento x 0,57m largura. Secção sub-rectangular.

Matéria-prima: gnaisses graníticos.

9) Alinhamento do Monte da Têra

Localização:

Carta Militar Portugal 1: 25 000 Folha 409 (Pavia)

X= 589.2.0

Y= 4305.6.5

Alt.: 164m

O Alinhamento do Monte da Têra situa-se num terreno ligeiramente inclinado para Sul, perto da ribeira de Têra. Foi identificado durante os trabalhos de prospecção efectuados já em 1996, pela signatária e pelo Dr. Manuel Calado. Eram visíveis à superfície cinco monólitos, todos tombados para Sul e dispostos em linha recta. Este facto levou-nos de imediato a classificá-lo como um alinhamento apesar de não se conhecerem quaisquer paralelos na Península Ibérica.

Durante o verão de 1996 procedeu-se a trabalhos arqueológicos de escavação neste local que permitiram confirmar esta classificação.

1. METODOLOGIA DA ESCAVAÇÃO

Em Julho procedeu-se à implantação de uma quadrícula de referência, com uma malha de 2m x 2m, com os eixos orientados sensivelmente a N/S - E/W e, ao respectivo levantamento topográfico efectuado pelo topógrafo António Nunes, da Câmara Municipal de Mora. As coordenadas alfabéticas desenvolvem-se entre o E e o J e, as coordenadas numéricas entre o 10 e o 15.

A escavação foi concebida em *open area* seguindo o método de Barker/ Harris.

Os artefactos foram registados com coordenadas planimétricas e altimétricas.

Após a limpeza superficial da área delimitada optou-se por abrir os quadrados onde se implantavam os menires (ver Planta 1) e em alguns casos não se abriu todo o quadrado. Durante a escavação da U.E.0 começaram a surgir pedras em torno dos menires o que indiciava o aparecimento dos alvéolos.

O prosseguimento da escavação permitiu identificar uma estrutura pétreia (U.E.12), tipo calçada, onde os alvéolos dos menires se encontram inseridos (ver Planta 2) variando a sua largura entre 1,46m e 1,76m. É constituída por pedras de diferentes tamanhos e composições (xisto, quartzo, quartzito e granito). Esta unidade encontra-se muito bem conservada à excepção dos quadrados I e H 12, onde, provavel-

mente devido à acção da maquinaria agrícola, se apresenta menos definida, estando também o menir deslocado. A cuidadosa escavação desta estrutura veio chamar a atenção para a existência de outros alvéolos onde não se encontram actualmente menires. Assim, o alinhamento aparenta ter sido constituído inicialmente por nove menires.

Os alvéolos aparecem colmatados por pedras de diferentes granulometrias e matérias-primas, por uma camada de terra bastante compacta e de aspecto algo gorduroso, da qual se recolheu uma amostra para análise, e por uma camada de seixos compactados, a qual aparecia normalmente na base e a revestir a fossa. Os materiais arqueológicos recolhidos encontravam-se todos acima desta camada de seixos. A escavação dos alvéolos permitiu observar que a calçada é geralmente constituída por três fiadas de pedras sobrepostas.

As terras foram todas crivadas e recolheram-se amostras de terras para futuras análises e crivagens mais finas.

Os materiais encontrados resumem-se a escassos fragmentos de cerâmica recente e alguns, incharacterísticos, de cerâmica pré-histórica, um fragmento proximal de lamela de sílex, um fragmento de quartzo

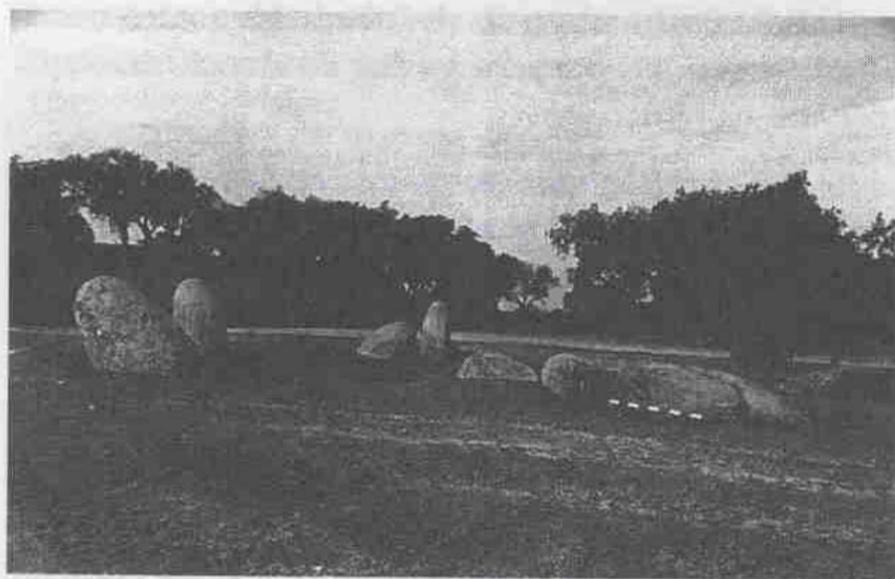


Fig. 5: Foto 1, Recinto megalítico das Fontainhas; Foto 2, Menir da Têra 1.

hialino e um fragmento de um elemento de mó. Recolheram-se ainda alguns carvões.

Medidas dos menires:

Menir 1: 1,57 m comprimento x 0,60m largura.

Menir 3: 1,65m comprimento x 0,64m largura.

Menir 5: 1,46m comprimento x 0,42m largura.

Menir 6: 2,27m comprimento x 0,50m largura.

Menir 7: 2,62m comprimento x 0,54m largura.

2. UNIDADES ESTRATIGRÁFICAS

U.E.0 - Camada de terra castanha clara de compactação média ou elevada. Terreno arenoso, com alguns blocos de quartzo.

U.E.1 - Nível subjacente à U.E.0 e que parece corresponder ao chão primitivo. Aflora o topo dos alvéolos. Não se notam diferenças a nível da côr em relação à unidade anterior, apenas junto aos menires as terras aparecem menos compactas e humedecidas.

U.E.2 - Fossa de implantação do Menir 1.

U.E.3 - Fossa de implantação do Menir 2.

U.E.4 - Fossa de implantação do Menir 3.

U.E.5 - Fossa de implantação do Menir 4.

U.E.6 - Fossa de implantação do Menir 5.

U.E.7 - Enchimento do alvéolo do Menir 1. A camada dos seixos só apareceu à volta do alvéolo, não aparecendo na base.

U.E.8 - Enchimento do alvéolo do Menir 2. Não se chegou a identificar o nível de seixos; apareceram algumas pedras dentro do alvéolo, uma das quais era um fragmento de um elemento de mó. Recolheram-se alguns carvões, raros, e fragmentos de cerâmica, incaracterísticos.

U.E.9 - Enchimento do alvéolo do Menir 3. As terras mantiveram-se sempre muito soltas, tendo aparecido também pedras dispersas no interior. Na base identificou-se o nível de seixos. Trata-se de um alvéolo de grandes dimensões que deverá corresponder ao menir que se encontra deslocado. Recolheram-se carvões e poucas cerâmicas.

U.E.10 - Enchimento do alvéolo do Menir 4. Alvéolo de pequenas dimensões e com muitas lages de xisto, em cutelo, no interior. Identificou-se o nível de seixos na base.

U.E.11 - Enchimento do alvéolo do Menir 5. A base do menir encontra-se ainda muito profunda. O nível de seixos apareceu logo muito acima provavelmente deslocado pela base do menir.

U.E.12 - Estrutura pétrea, tipo "calçada", onde se encontram inseridos os alvéolos dos menires. É cons-

tituída por pedras de diferentes dimensões e composições, xisto, granito, quartzo e quartzito. Tem uma orientação, em linha recta, sensivelmente a NNW-SSE (340° - 160°).

U.E.13 - Fossa de implantação do Menir 6.

U.E.14 - Fossa de implantação do Menir 7.

U.E.15 - Fossa de implantação do Menir 8.

U.E.16 - Fossa de implantação do Menir 9.

U.E.17 - Enchimento do alvéolo do Menir 6. A camada de seixos era muito espessa. Recolheram-se carvões.

U.E.18 - Enchimento do alvéolo do Menir 7. O menir, ao tombar, deslocou-se ligeiramente para W. Também neste caso o nível de seixos apareceu muito à superfície, junto à base do menir. Recolheram-se carvões.

U.E.19 - Enchimento do alvéolo do Menir 8. Retiraram-se muitas pedras do interior do alvéolo. A camada de seixos era pouco espessa.

U.E.20 - Enchimento do alvéolo do Menir 9. Não se recolheram quaisquer materiais e as terras eram muito soltas. Não se identificou o nível de seixos, apenas o da terra dura.

10) Menir do Monte da Têra 1

Localização:

Carta Militar Portugal 1: 25 000 Folha 409 (Pavia)

X= 590.05

Y= 4305.25

Alt.: 170m

O menir encontra-se erecto, junto ao actual Monte da Têra; desconhece-se o seu local de origem. Apresenta uma secção sub-circular e forma fálca.

Matéria prima: granito.

Medidas visíveis: 1,78m comprimento x 0,48m largura.

Identificado em 1975 pela equipa dos Serviços Geológicos (Zbyszewski *et al.*, 1977).

11) Menir da Caeira

Localização:

Carta Militar Portugal 1: 25 000 Folha 409 (Pavia)

X= 591.3.0

Y= 4304.2.0

Alt.: 199m.

Menir cilindróide que se encontra tombado numa lomba com vertentes pouco declivosas, num ponto dominante, perto das antas da Caeira.

Matéria-prima: granito.

Medidas visíveis: 5,20, comprimento x 1,20m de diâmetro.

Identificado em 1994 pelo Dr. Manuel Calado (Calado, 1995) e alunos da FLUL.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comparação entre os vários núcleos de menires alentejanos, em termos morfológicos e em termos dos respectivos contexto geograficos e arqueológicos, permite considerar algumas diferenças que os individualizam regionalmente.

Os padrões observados poderão apontar, como já anteriormente defendemos (Calado e Rocha, 1996) para uma "décalage" cronológica entre as diferentes áreas.

Ao encontrar-se afastada do eixo Montemor-Évora-Reguengos, onde a densidade e a dimensão dos monumentos sugere a existência de um núcleo principal, a área de Pavia poderá ter desenvolvido um fenómeno mais tardio, dentro do que poderíamos considerar como Neolítico Médio, relacionável com os abrigos sob rocha, com cerâmicas lisas, alguns fragmentos almagradados e artefactos de sílex, enquadráveis neste período. Por outro lado, não se identificaram até ao momento vestígios atribuíveis ao Neolítico Antigo, ao contrário do que acontece nas áreas de Évora, Montemor e Reguengos.

A recente descoberta e escavação do Alinhamento da Tera, cujos menires, originalmente nove, se encontravam inseridos numa estrutura pétrea, de tipo calçada, acrescenta uma nova dimensão e uma maior complexidade ao megalitismo alentejano, uma vez que se desconhecem, na Península, outros monumentos do mesmo género.

No Morbihan, os famosos alinhamentos são formados por vastos conjuntos de menires, com várias filas de alguns quilómetros de comprimento. Menos imponentes são, por exemplo, os do sul de Ervedan onde existem dois pequenos alinhamentos, um deles com apenas seis menires; supõe-se, no entanto, que nestes casos se trate de restos de um monumento de maiores dimensões.

O Alinhamento do Menec, com 1099 menires, numa extensão de 1165 m e repartidos em 12 filas apresenta uma inflexão no alinhamento o que permite orientá-lo pelo nascer e pelo pôr do sol, nos solstícios do verão e do inverno. A altura dos menires diminui a partir do Oeste.

O Alinhamento do Moulin (Ille-et-Vilaine) escavado por C.-T. Le Roux apresenta mais paralelos com o Alinhamento da Têra. Efectivamente, este monumen-

to, constituído por um conjunto de três filas de menires numa extensão de 400 m, revelou a existência de uma estrutura pétrea de tipo calçada, para além de buracos de poste que indicam a existência de estruturas em madeira.

Quanto ao Alinhamento da Têra, põe-se ainda a hipótese de ser um monumento mais complexo, se contarmos com o facto de, a menos de 50 m, se encontrarem vários menires amontoados e com muitas pedras miúdas nas imediações. A evidente conexão entre os dois conjuntos permite imaginar que se trata de um alinhamento mais extenso ou, em alternativa, se trate de um conjunto alinhamento-recinto, fenómeno que se observa também nos monumentos do Morbihan.

Os artefactos recolhidos na escavação do Alinhamento da Tera são pouco conclusivos, em termos cronológico-culturais, uma vez que não se encontraram cerâmicas com bordos ou decorações. No entanto, o fragmento de lamela de sílex aponta, no contexto regional, para uma certa antiguidade dentro da sequência local de Pavia, sendo um dos artefactos mais característicos dos povoados do Neolítico Antigo da área de Évora.

Por outro lado, a referida presença de um elemento de mó num dos alvéolos, parece ser um fenómeno recorrente, provavelmente de ordem ritual, na construção de monumentos megalíticos.

A atribuição da maioria dos menires ao Neolítico Antigo/Médio, para a qual existem mesmo duas datações de ^{14}C e algumas boas evidências em termos de associações artefactuais e espaciais, tem sido posta em causa, por alguns autores, com base na presumida ausência de um efectivo populacional suficiente e de mecanismos económicos e sociais que permitissem libertar mão de obra para a respectiva construção.

No entanto, para o caso de Évora, já se demonstrou a existência de um grande número de sítios de habitat dessa época, em estreita articulação com a principal concentração de recintos megalíticos da Península; esse facto pode, efectivamente, implicar a disponibilidade de um elevado número de pessoas enquanto, para o caso de Pavia, apesar serem escassos os sítios desse período identificados, o número e a dimensão dos menires não obrigava, de modo algum, à presença de um importante efectivo populacional.

Com base nos dados actualmente disponíveis para esta área, parece prudente, em suma, uma atribuição do megalitismo não funerário de Pavia a momentos mais tardios do que o de Évora e Montemor, e talvez também de Reguengos, dentro do que poderíamos considerar como Neolítico Médio, em relação com os referidos vestígios de habitat detectados em abrigos naturais.

Os cânones que presidiram à implantação e morfologia dos grandes recintos megalíticos de Évora (Almendes, Vale Maria do Meio e Portela de Mogos) estão, no entanto, claramente aplicados nos recintos pavienses, se bem que em escala reduzida. A mesma realidade se verifica, por exemplo, no pequeno monumento do Monte da Ribeira, em Reguengos e no de Ponte de Sor ou, com menires ainda menores, no conjunto do Torrão, em Elvas; note-se que os dois últimos ocupam posições ainda mais excêntricas em relação foco eborense.

BIBLIOGRAFIA

- BURL, A. (1979): *Rings of stone. The prehistoric stone circles of Britain and Ireland*. London: Frances Lincoln.
- CALADO, M. (1990): Aspectos do Megalitismo Alentejano. *O Giraldo*. (Julho -Agosto). Évora.
- CALADO, M. (1993): Menires, alinhamentos e cromelechs. J. Medina (dir.) - *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube, 1, p.294-301.
- CALADO, M. (1995): *A região da Serra d'Ossa: introdução ao estudo do povoamento Neolítico e Calcolítico*. Lisboa: FLUL (edição policopiada).
- CALADO, M.; ROCHA, L. (1996): Neolitização do Alentejo Interior: os casos de Pavia e Évora. *I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*, Gavà - Bellaterra, 1995. *Rubricatum*, Gavà, v.2, p.673-682.

Finalmente, a relação entre os menires e as mais antigas sepulturas megalíticas, que supomos, na linha do modelo tradicional, tratar-se das pequenas sepulturas em ferradura, carece ainda de uma definição suficiente. Na perspectiva da sequência cronológica aqui defendida, pode haver uma contemporaneidade total ou parcial entre os dois fenómenos ou, pelo contrário, tratar-se de fenómenos temporal e culturalmente contíguos.

- CORREIA, V. (1921): *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales.
- JORGE, V.O. (1977): *Menhirs du Portugal. Sep. de l'Architecture Megalithique*. Vannes: Société Polymathique du Morbihan.
- JOSSAUME, R. (1985): *Des dolmens pour les morts*. Paris: Hachette.
- MOHEN, J.P. (1990): *The world of megaliths*. New York.
- RITCHIE, A. e GRAHAM (1985): *Scotland. Archaeology and early history*. London: Thames and Hudson.
- ZBYSZEWSKI, G.; VEIGA FERREIRA, O.; REYNOLDS DE SOUSA, H.; NORTH, C.T.; LEITÃO, M. (1977): Nouvelles découvertes de cromelechs et de menhirs au Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. T. LXI. Lisboa: 63-73.